

Dedé Monteiro*

Fim de feira

Fim de feira

O lixo atapeta o chão,
Um caminhão se balança,
Quem vem de fora se lança
Em cima do caminhão,
Um ébrio esmurra o balcão
Do botequim da esquina,
Um gari faz a faxina,
Um cego ensaca a sanfona
E um vendedor dobra a lona
Depois que a feira termina.

Missanga, fruta, verdura,
Milho, feijão e farinha,
Bode, suíno, galinha,
Miudeza, rapadura...
É esta a imagem pura
D'uma feira nordestina,
Que começa pequenina,
Dez horas, não cabe o povo,
E só diminui de novo
Depois que a feira termina.

Um patrão sem consciência
Diz bem cedo ao morador:
Mais tarde eu pago ao senhor,
E só ter mais paciência.
Recebe o da Emergência,
Compra uma vaca turina,
Bebe, bota gasolina,
Vai pra zona, joga, estraga.
Mas ao morador só paga
Depois que a feira termina

Na matriz que não se fecha,
Muito apressado entra alguém
E sai vexado também,
Senão o transporte o deixa.
O padre gordo se queixa
Do calorão que o domina,
Agita tanto a batina
Que quem vê fica com pena,
Toca o sino pra novena
Depois que a feira termina.

Um pedinte se levanta
Da beira d'uma calçada
Chupando uma manga espada
Pra servir de almoço e janta.
Um boi de carro se espanta
Se um motorista buzina,
Um velho fecha a cantina,
Um cachorro arrasta um osso
E o pobre azavessa o bolso
Depois que a feira termina.

Um vendedor de sapato,
Já vendo a feira no fim,
Começa gritando assim:
Agora eu vendo barato.
Um malandro ouve o boato,
Para o lugar se destina,
Pega sapato, botina...
Enche o saco do rapaz
E só diz que não quer mais
Depois que a feira termina.

Quem trabalha em prefeitura
Vai receber logo cedo,
Mas o prefeito, em segredo,
Diz: depois você procura.
Se for preciso, ele jura
Na providência divina.
E o pobre diz: Sivirina

Tá isperano pru eu.
Mas só recebe o que é seu
Depois que a feira termina.

Um vendedor de mangalho,
No fim de toda a manobra,
Faz o caixa e junta a sobra
Do que vendeu no retalho.
Se não deu lucro o trabalho,
O pobre a cabeça inclina
E diz pra mulher: menina,
Hoje eu entrei pelo cano.
Fecha a mala e baixa o pano
Depois que a feira termina.

Numa cidade cristã,
Devota de São Vicente,
É muito comum a gente
Ver, logo assim de manhã,
Um irmão ou uma irmã
Na coleta vicentina,
Escutando: vá pra China,
Crie vergonha nessa cara.
Mas a coleta só para
Depois que a feira termina.

Um camponês que se engana
Chega atrasado na feira,
Nem acha mais macaxeira,
Nem batata, nem banana...
Empurra a cara na cana,
Pra ver se esquece a ruína.
Café, arroz, margarina,
Açúcar, óleo de salada...
Regressa e não leva nada,
Depois que a feira termina.

No açougue da cidade,
Das cinco e meia em diante,
Não tem um pé de marchante,

Mas mosca tem com vontade.
O faxineiro abre a grade,
Tira uma mangueira fina,
Pano, rodo, creolina...
Deixa tudo uma beleza.
Mas só começa a limpeza
Depois que a feira termina.

O dono da miudeza,
Já tendo fechado a mala,
Escuta um rapaz que fala
Do lado oposto da mesa:
Meu senhor, por gentileza,
O senhor tem brilhantina?
E ele diz, com voz ferina:
Aqui na mala inda tem,
Mas eu não vendo a ninguém
Depois que a feira termina

Um produtor vagabundo,
Agiota e trapaceiro,
Tenta enganar seu vaqueiro,
Como faz com todo mundo.
Destaca um cheque sem fundo,
Enche o cheque, o cheque assina,
Mas o rapaz não combina,
Dá-lhe um murro, preso vai
E do xilindró só sai
Depois que a feira termina.

A filhinha de um mendigo,
Sentada a seus pés num beco,
Comendo um pão-doce seco,
Diz: papai, coma comigo.
E o velho pensa consigo:
Meu Deus, mudai sua sina,
Pra que a minha pequenina
Não sofra o que eu sofro agora.
Ri a filha, o velho chora
Depois que a feira termina.

Um jumento estropiado,
Magro que só a desgraça,
Quando vê que a feira passa,
Vai pra frente do mercado.
O endereço ao danado
Eu não sei quem diabo ensina,
Só sei que ele baixa a crina,
Entre cinco e cinco e meia,
Lancha, almoço, janta e ceia
Depois que a feira termina.

Tabira, janeiro de 1980

Publicado em: Monteiro, Dedé (2019), *Retalhos do Pajeú*. Vale do Pajeú, Pernambuco: A. Morais e W. Tenório: 69-73

* José Rufino da Costa Neto é conhecido como Dedé Monteiro e reconhecido como um mestre da cultura popular, agraciado com o título de Patrimônio Vivo do estado de Pernambuco por sua expressiva produção poética e compromisso com a preservação dos saberes populares. O poeta nasceu em 1949, no Sítio Barro Branco, município de Tabira, localizado no sertão do Pajeú de Pernambuco, formou-se em Letras e Educação física. Publicou as obras *Retalhos do Pajeú* (1984), *Mais um baú de Retalhos* (1995), *Fim de feira* (2006), *Meu quarto baú de rimas* (2010), *Outros retalhos* (2011).